

Réquiem para a Cidade Maravilhosa

Por: Maria Clara Bingemer

Será que não terminará nunca o inferno de violência em que se transformou a vida do habitante do Rio de Janeiro? Não haverá nunca mais, novamente, o dia em que poderemos acordar em paz, com esperança e alegria, e desfrutar da beleza que nossa cidade nos oferece em tantos aspectos? Não haverá nunca mais um clima propício para que possamos ajudar aqueles que em nossa cidade ainda não usufruem de condições de vida digna, a fim de que ascendam aos bens mais elementares e necessários de uma vida que se possa chamar humana?

O sangue derramado cruelmente em Benfica parece empurrar cada vez para mais longe no horizonte essa possibilidade. Um novo e cruel episódio de violência manchou de sangue, mais uma vez, nossa cidade e suas frustradas tentativas de encontrar um caminho de paz. A rebelião de Benfica e a maneira como foi enfrentada e tratada pelo Estado nos envergonham como cidadãos, como seres humanos e, sobretudo, como cristãos.

Mais de 30 pessoas, em sua maioria negros e pobres, mais de 30 filhos de mães desamparadas foram massacrados no que certamente será lembrada como a "Chacina de Benfica". E agora, enquanto as autoridades responsáveis discutem o número de mortos, se foram mais ou menos de 30, a nós resta contemplar com dor e compaixão os rostos das mães e parentes de reféns e prisioneiros, na angústia de receber a notícia: seus maridos, filhos, irmãos e pais estariam na lista da morte ou da vida?

Que importância tem um número a mais ou a menos, se qualquer singular vida humana tem valor infinito, por ter saído das mãos do Criador? Qualquer vida entrelaça consigo muitíssimas outras e, ao desaparecer violentamente, deixa um rastro irreparável de morte, de dor, de revolta, de medo, que vai minando a fé das pessoas na humanidade, nas instituições, nas autoridades, em tudo, enfim. O que importa é, como diz o comunicado do Laboratório de Políticas Públicas da Uerj, o fato de que "mais uma vez, o Rio de Janeiro grita ao mundo que, sem importar quem as dispare, as balas sempre

têm dono e destino (nunca houve balas 'perdidas'), e que o governo e o tráfico constituem parceiros solidários do multifacético exercício de um poder genocida que torna mais fracas, tênues e degradadas nossas incipientes democracias".

Sim, mais uma vez, além de rezar e celebrar como na sexta-feira fez o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Dimas Lara Barbosa, em frente à Casa de Custódia, é importante falar, denunciar e agir. E dizer "basta". E criar fóruns, os mais representativos possíveis, para pensar e discutir maneiras e caminhos viáveis para pôr um fim à iníqua e terrível violência que toma conta de nossa cidade com persistência letal e tentacular.

Enquanto fazemos soar um réquiem para nossa cidade dita maravilhosa, mas que se encontra hoje cada vez mais ferida, partida, agredida e atrofiada pelo pavor e pelo terror; enquanto choramos os mortos que são nossos, porque são da nossa raça, da raça do próprio Deus que assumiu a condição humana em Seu Filho Jesus Cristo; enquanto compadecemos e choramos em união com as famílias atingidas pela terrível chacina. Enquanto sentimos rolar em nosso próprio rosto cada lágrima derramada por todas, cada mulher e cada criança, que assistiram impotentes à chacina onde um ser muito querido poderia estar sendo trucidado; enquanto esperamos do lado de fora da penitenciária por notícias sobre vivos e mortos, na angústia da incerteza e no medo da notícia a receber; enquanto fazemos tudo isso, é preciso também agir enquanto cidade, enquanto cidadãos.

E, sobretudo, enquanto pessoas que têm fé em que o que aconteceu em Benfica afeta o próprio coração de Deus, que se confrange ao ver sofrer dessa maneira hedionda aqueles e aquelas que são filhos amados e queridos.

A chacina de Benfica nos obriga a olhar de frente o desafio de reconstruir nossa cidade. E o primeiro passo é buscar juntos os passos possíveis para construir dinâmicas de paz, ainda que humildes, modestas, mas possíveis. Chega de cantar réquiem para a Cidade Maravilhosa. É mais do que tempo de encontrar outros ritmos e harmonias para homenageá-la. A cidade partida há muito tempo anseia por um aleluia de ressurreição!